

RELIGIÃO E HOMOSSEXUALIDADE: “DEUS NÃO FAZ ACEPÇÃO DE PESSOAS” ABORDAGENS SÓCIOLOGICAS DA RELIGIOSIDADE “INCLUSIVA” EM CONTEXTOS URBANOS NO RIO GRANDE DO SUL - PELOTAS E PORTO ALEGRE.

ARIELSON TEIXEIRA DO CARMO¹
WILLIAM HECTOR GÓMEZ SOTO²

¹ *Mestrando em Sociologia pela Universidade Federal de Pelotas - UFPel. Graduado no Curso de Licenciatura e Bacharelado em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Amapá - UNIFAP. Membro do Grupo Centro de Estudos Políticos, Religião e Sociedade – CEPRES – arielsondocarmo@gmail.com*

² *Professor associado da Universidade Federal de Pelotas – UFPel. Graduado em Economia - Universidad Nacional Autonoma de Nicaragua (1986), mestrado em Extensão Rural pela Universidade Federal de Santa Maria (1991) e doutorado em Sociologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2002). – william.hector@gmail.com*

1. INTRODUÇÃO

As igrejas cristãs de vertentes diversas, desde um passado remoto até nos dias atuais, principalmente as com doutrinas mais ortodoxas e conservadoras, condenavam e condenam o relacionamento entre pessoas do mesmo sexo. Valendo-se de interpretações contidas nas escrituras sagradas de que aos olhos de Deus uma relação homossexual além de não aceitável é condenável, algumas igrejas categorizam tais relações como uma das práticas mais pecaminosas praticadas pelos indivíduos. As instituições cristãs em seus discursos, embora reformulados em muitas delas, dadas as novas configurações modernas e formas de vivenciar o sagrado, sermões, testemunhos, pregações, sejam no púlpito ou no altar, sinalizam que a única forma de buscar a salvação, é por meio do arrependimento dos pecados, na busca de uma vida estritamente pautada nos valores morais cristãos, e aceitável aos olhos de Deus. Essa forma de tratar a sexualidade homossexual com toda caga proibitiva, atravessa o tempo e se insere na história como mecanismo de controle e regulação dos desejos sexuais dos fiéis (FOUCAULT, 1988).

Assim, o principal objetivo deste trabalho é o de esquadrihar, sociologicamente, a maneira como a religiosidade inclusiva opera em contextos urbanos, como (as cidades de) Porto Alegre e Pelotas, identificar quais suas principais características enquanto (uma) teologia que ressignifica o sagrado e propõe por meio de uma doutrina a inclusão de pessoas LGBTTS – Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestir, Transexuais e Simpatizantes nos seus espaços.

Essas igrejas concebidas como inclusivas possuem como proposta a aceitação e inclusão de pessoas homossexuais em seus espaços de celebração e contato com o sagrado, com o argumento de que algumas expressões religiosas sempre arranjaram formas de excluir e afastar pessoas tidas como desviantes do sexo socialmente aceito pela sociedade - a heterossexualidade – assim como proibi-las de vivenciar e ter acesso aos bens sagrados cristãos (NATIVIDADE, 2010; WEISS DE JESUS 2012; COELHO JÚNIOR, 2014).

Esse “movimento religioso inclusivo” traz como proposta doutrinária modificações e ressignificações para a relação entre a identidade sexual e a vivência religiosa. O movimento da igreja inclusiva coloca, na modernidade, uma contradição no próprio paradigma cristão em relação aos homossexuais que, se antes eram

condenados, agora se tornam pessoas que podem vivenciar e ter acesso ao sagrado, independentemente de sua orientação sexual. O acesso aos bens sagrados passa a ser algo individual e positivo, sem as cargas proibitivas que são ainda impostas pelas religiões majoritárias de cunho cristão quando se trata da sexualidade de seus fiéis (REIS; SARDINHA; ROCHA; CARMO, 2016).

2. METODOLOGIA

Os pressupostos teóricos-metodológicos empregados na pesquisa são: a realização de uma etnografia e a observação participante. Como técnica de pesquisa utilizo a entrevista semiestruturadas e a análise documental. Utilizo a etnografia por compreender, assim como o faz Magnani (2009), que esse método proporciona de forma muito particular o contato entre o pesquisador (com) e o universo das pessoas pesquisadas, em uma relação de troca que possibilita confrontar as teorias do pesquisador com as teorias dos pesquisados. Além do mais, visto que pretendo descrever grupos humanos, o método etnográfico oportuniza conhecer as particularidades das pessoas pesquisadas e seus ambientes, além de viabilizar uma mistura equilibrada de observação, entrevista e estudo em arquivo (ANGROSINO, 2009).

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Atento que os resultados demonstrados aqui são fruto de alguns dados coletados em pesquisas exploratórias. Estas foram realizadas no período entre 21 de maio a 25 de junho do ano de 2017, na primeira célula inclusiva de Pelotas, vinculada à Comunidade Cristã Nova Esperança – CCNEE. Trata-se de uma denominação inclusiva de caráter cristão pentecostal que propõe uma teologia de aceitação e inclusão da diversidade sexual em seus espaços de culto e vivência religiosa. Nesta primeira parte da pesquisa, fiz uma observação participante no local de realização do culto da célula, bem como algumas perguntas aos membros e ao líder para desvendar aspectos particulares de suas trajetórias de vida e religiosa, e compreender as principais características dessa religiosidade e sua atuação na cidade.

A célula inclusiva CCNE de Pelotas está localizada na Rua Barão de Itamaracá, no Bairro Areal. Ela deu início a sua atuação na cidade no ano de 2015. O líder denomina-se presbítero, hierarquia religiosa semelhante à do meio evangélico pentecostal. Este sofreu rechaços, privações e viveu alguns dilemas com relação a sua sexualidade homossexual e sua vivência religiosa em espaços de igrejas evangélicas tradicionais das quais fez parte durante algum tempo. Após tomar conhecimento da religiosidade inclusiva da CCNE e seus aspectos teológicos cuja releitura bíblica vai de encontro com a uma leitura secular feita pelo cristianismo. Tal leitura afirma que Deus condenava a relação homoafetiva. Baseada numa hermenêutica diferenciada essa denominação inclusiva encontra respaldo nas mesmas passagens e em outras que condenam a homossexualidade argumentos que contrapõem esses discursos. Informo que a CCNE, com sede em São Paulo, possui filiais em diversos estados do Brasil, inclusive em Porto Alegre, e todas elas em contextos urbanos.

A partir desse contato, o líder da célula de Pelotas decidiu abrir uma filial da CCNE em 2015, que atende pelo nome de Comunidade Cristã Nova Esperança Pelotas/Rs. Durante a pesquisa, constatei que a célula em Pelotas contava com um número reduzido de membros, variando de 5 a 8 nos encontros. Segundo o líder,

existem aqueles que, com certa regularidade, frequentam os encontros realizados em todos os domingos, a partir das 17:00 horas, e aqueles membros que vão esporadicamente. O que pude constatar foi que a presença é sempre muito fluida, ou seja, não existe por parte dos frequentadores da célula a noção de pertencimento ao grupo. Isso explica-se pelo motivo de alguns deles frequentarem também outras denominações religiosas, a igual exemplo do próprio líder que frequenta de forma paralela uma igreja de denominação pentecostal.

Importante explicitar ainda que embora essa religiosidade esteja estritamente localizada em um contexto urbano, o *lôcus* de atuação é em um lugar com pouca visibilidade e afastada do centro da cidade. Os encontros da célula acontecem nos fundos da casa do presbítero, que lembra muito um grande quarto de casal vazio, contendo algumas cadeiras de plástico e uma mesa central com alguns objetos, como: bíblia, computador e alguns panfletos de divulgação da célula e da teologia inclusiva.

Nesse período, a maioria dos membros frequentadores eram de família menos abastardas; homossexuais assumidos e um rapaz que não se definia nem como heterossexual, homo ou bi. Todos possuíam trajetórias e tinham um passado de socialização e vivências em igrejas cristãs evangélicas (Pentecostais, Neopentecostais, Presbiteriana). E todos afirmaram ter vivido momentos de turbulência nessas igrejas, devido toda carga proibitiva e pecaminosa posta sobre a sexualidade homossexual ou que desvirtuasse da heterossexualidade. Assim, a célula parece proporcionar uma opção religiosa na qual esses atores se sentem confortáveis em ser cristãos e, ao mesmo tempo, viverem sua sexualidade sem culpa. A maioria deles foram enfáticos ao afirmar que ali sentem a presença de Deus. Outros até veem na célula um recomeço para voltar a atuar nos cargos que tinham antes de abandonarem suas igrejas de origem. Cabe evidenciar que alguns dos membros foram líderes de ministérios juvenis em suas igrejas (ministério de dança, teatro e outros).

As pregações realizadas na célula lembram muito aos cultos, praticados em algumas igrejas evangélicas. A postura do líder lembra a de um pastor dessas denominações: a gesticulação das mãos; a invocação do espírito santo; a leitura de passagens bíblicas e outros elementos similares. Cabe deslindar que a CCNE se declara igreja de princípios cristãos cuja a vertente aproxima-se muito do pentecostalismo, porém, é claro, ressignificado. Esse grupo adere a adoração, louvores, a ideia de profecia, além de possui uma doutrina pautada em valores morais cristãos tradicionais, como questões relacionadas a sexo, relacionamentos a dois e com o próprio sagrado.

Após os encontros, o espaço permite a interação dos membros: troca de vivências e compartilhamento de experiências. O assunto em voga é muito variado e vai desde a vontade de uns de ter um relacionamento sério, casar e construir família até suas vivências e lugares de encontros gays em pelotas. Como é possível constatar, além do contato e a relação com o sagrado, a célula funciona como um espaço de interação, socialização e vivência da identidade sexual.

Existe uma vontade do líder de expandir a religiosidade inclusiva pela cidade de pelotas. Pretende tornar a célula mais visível e quer empenhar-se na busca de mais fiéis. Possível leitura de que essa denominação religiosa inclusiva vislumbra um espaço de reconhecimento e expansão na cidade de Pelotas. Esta opera semelhantes determinadas denominações religiosas evangélicas (principalmente pentecostais) que visam o aumento do número de adeptos para se legitimar no acirrado mercado religioso urbano de grandes e médias cidades. Por se

considerarem uma denominação cristã evangélica pentecostal, essas igrejas parecem reproduzir uma mesma lógica desses grupos religiosos.

4. CONCLUSÕES

A relevância da pesquisa reside no fato de apresentar para a comunidade acadêmica e demais públicos as características dessa religiosidade em contextos urbanos e sua atuação social e política, uma vez que no Brasil, embora tenha uma proliferação e atuação dessas igrejas ainda é pouco debatida e problematizada, seja em contextos acadêmicos, sejam fora deles. Visando fomentar o debate sobre essa forma de vivenciar o sagrado e de como pessoas LGBTTS que se veem alijadas dos espaços cristã tradicionais buscam essa nova forma de religiosidade como meio de cidadania religiosa e de viver sua identidade sexual sem culpa da condenação secular que é proferida pelo moral cristã com relação a homo afetividade

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANGROSINO, Michel. **Etnografia e observação participante**. ARTMED EDITORA S. A. Tradução, José Fonseca, 2009.

COELHO JÚNIOR, Carlos Lacerda. “Somos ovelhas coloridas do senhor” Uma análise sociológica acerca da vivência homossexual em uma igreja inclusiva. Dissertação (Mestrado em Sociologia). Universidade Federal de Alagoas. Instituto de Ciências Sociais. Programa de Pós-Graduação em Sociologia. Maceió, 2014.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade I: A vontade de saber**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

JESUS, Fátima Weiss de. “UNINDO A CRUZ E O ARCO-ÍRIS: Vivência Religiosa, Homossexualidades e Trânsitos de Gênero na Igreja da Comunidade Metropolitana de São Paulo”. Tese (Doutorado). Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social. Centro de Filosofia e Ciências Humanas, 2012.

MAGNANI, José Guilherme. **Etnografia Como Prática E Experiência**. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 15, n. 32, p. 129-156, jul. /dez. 2009.

NATIVIDADE, Marcelo Tavares. **Uma homossexualidade santificada? Etnografia de uma Comunidade inclusiva pentecostal**. In: Religião e Sociedade, vol.30 n.2, Rio de Janeiro, p.90-121, 2010. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0100-85872010000200006>>. Acesso em 08 de setembro 2017.

REIS, M. V. F.; SARDINHA, Antonio Carlos; Rocha, J. C.; CARMO, A. T. **A Implantação da Igreja Inclusiva no Amapá: a homossexualidade, a fé e o acesso ao divino**. In: <http://www.gper.com.br/noticias/189e1950fd58e30034e00730c38e9255.pdf>, p.289-306. Acesso 06 de setembro de 2017.